

Decreto nº 4976 de 28-10-1976



- XIII — RUA MARECHAL DUTRA — Presidente da República de 1946 a 1951 — a Rua 27 que tem início à Rua 28 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XIV — RUA RAMALHO ORTIGÃO (1836 — 1915) — Escritor Português — a Rua 28 que tem início à Rua 1 e término à Rua 49 do mesmo loteamento.
- XV — RUA MARQUÊS DE ABRANTES (1796 — 1865) — Ministro do Império — a Rua 29 que tem início à Rua 26 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XVI — RUA AMADEU AMARAL (1875 — 1929) — Ensaísta e Poeta — a Rua 30 que tem início à Rua 26 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XVII — RUA FREI SÃO CARLOS — a Rua 34 que tem início à Rua 33 e término à Rua 35 do mesmo loteamento.
- XVIII — RUA MENDES DE AGUIAR — Filósofo e Magistrado — a Rua 35 que tem início à Avenida 2 e término à Rua Nelson de Souza Bárbara.
- XIX — RUA MATIAS AIRES (1705 — 1770) — Escritor e Filósofo — a Rua 42 que tem início à Rua 55 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XX — RUA MANUEL BANDEIRA (1886 — 1925) — Poeta e Escritor — a Rua 43 que tem início à Rua 52 e término à Rua 51 do mesmo loteamento.
- XXI — RUA TOBIAS BARRETO (1839 — 1925) — Escritor e Poeta — a Rua 44 que tem início à Rua 52 e término à Rua 51 do mesmo loteamento.
- XXII — RUA DOMINGOS BORGES DE BARROS (1779 — 1855) — Poeta — a Rua 46 que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XXIII — RUA JOÃO FRANCISCO LISBOA (1812 — 1863) — Escritor — a Rua 49, que tem início à Rua 54 e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XXIV — RUA VISCONDE DE INHOMERIM — (1812 — 1876) — Jornalista e Escritor — a Rua 50 que tem início à Rua 46 e término à Rua 49 do mesmo loteamento.
- XXV — RUA MARTINS PENA (1815 — 1848) — Escritor — a Rua 51 que tem início à Rua 42 e término à Rua Alfredo Borges Teixeira.
- XXVI — RUA ADOLFO CAMINHA (1867 — 1897) — Escritor — a Rua 52 que tem início à Rua 55 e término à Rua 46 do mesmo loteamento.
- XXVII — RUA JOAQUIM MANUEL DE MACEDO (1820 — 1882) — Romancista Popular — as Ruas 53 e 54 que tem início à Rua 49 e término à Rua 55 do mesmo loteamento.
- XXVIII — RUA MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA (1830 — 1861) — Escritor e Historiador — a Rua 55 que tem início à Rua Afonso de Taunay e término à Rua Padre Aranha.
- XXIX — RUA MARTINS TORRES — (1865 — 1917) — Sociólogo e Político — a Rua 56 que tem início à Rua 55 e término à Rua Nicolau Cerone.
- XXX — RUA JOSÉ JOAQUIM DE FRANÇA JÚNIOR (1833 — 1960) — Jornalista e Escritor — a Rua 58 que tem início à Rua Pedro Vieira da Silva e término à Rua Nicolau Cerone.
- XXXI — RUA RAUL POMPEIA — (1863 — 1895) — Jornalista e Romancista — a Rua 61 que tem início à Rua Padre Aranha e término à Rua 67 do Jardim Santa Genebra 1.ª Parte, e Rua 28 da Vila Miguel Vicente Cury.
- XXXII — RUA OSÓRIO FILHO — Historiador e Sociólogo — a Rua 64 que tem início à Rua 66 do mesmo loteamento e término à Rua Padre Vieira da Silva.
- XXXIII — AVENIDA SANTA GENEBRA a Av. 1 que tem início à Rua 1 da Vila Costa e Silva e término à Rua 29 do mesmo loteamento.
- XXXIV — AVENIDA PAMPLONA a Avenida 2 que tem início à Rua Domingos Cazotti e término à Avenida 1 do mesmo loteamento.

RUA MARTINS PENA



MARTINS PENA

Luis Carlos Martins Pena nasceu no Rio de Janeiro, em 1815, e morreu em Lisboa, em 1848. Estudou comércio e exerceu inicialmente o cargo de amanuense da Mesa do Consulado da Corte, depois, da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, até que foi nomeado, em 1847, adido de primeira classe à legação brasileira em Londres, para onde embarcou no ano seguinte. Doente, não chegou a retornar ao Brasil, falecendo no percurso, em Lisboa. Estreou como comediógrafo em 1838, com *O Juiz de Paz na Roça*, no momento em que se intensificava o movimento de criação do nosso teatro romântico, com Gonçalves de Magalhães, o próprio Martins Pena e o ator João Caetano. Sua preferência recairia na comédia de costumes, de um e três atos, em prosa. Usou os recursos freqüentes na farsa, equívocos, disfarces, traços caricaturescos, numa linguagem simples, direta, acumulando cenas numa ação rápida, visando ao riso fácil. Foram matéria do comediógrafo múltiplos flagrantes da vida brasileira, do campo à cidade. A variedade de situações e de tipos corresponde às diferentes formas de corrupção e burla no plano de nossa vida social e dos interesses ou problemas do País. Assim, no seu esforço de criação da comédia de costumes brasileira, realiza um trabalho de crítica que, à semelhança do que ocorre no romance, encontra seguidores no Romantismo e no restante do século XIX, de José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo a França Júnior ou Artur Azevedo.

BIBLIOGRAFIA
DO AUTOR:

1. Cronologia: *O Juiz de Paz na Roça*, 1842; *A Família e a Festa na Roça*, 1842; *O Judas no Sábado de Aleluia*, 1846; *Os Irmãos das Almas*, 1846; *O Diabete*, 1846; *O Caireiro da Taverna*, 1847; *Quem Casa Quer Casa*, 1847; *O Noviço*, 1853; *Os Dois ou o Inglês Maquinista*, 1871.
2. Edição indicada: *Teatro de...* Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1956, 2 vols. (I. — Comédias, II. — Dramas), ed. organizada por Darcy Damasceno e Maria Figueiras.

SOBRE O AUTOR:

- Amália Costa, *Martins Pena — Comédias por...* — Rio de Janeiro, Agir, 1961.
 Sílvio Romero, *Vida e obra de Martins Pena*, Porto, Lelo, 1901.
 José Veríssimo, "Martins Pena, e o teatro brasileiro", in *Estudos de Literatura Brasileira*, 1.ª série, págs. 167-190, Rio de Janeiro, Garnier, 1901.

(Extraído de "Presença da Literatura Brasileira - I"
 de Antonio Candido e J. Aderaldo Castillo, 5a. edição,
 1973, da Difusão Européia do Livro, São Paulo)

RUA MARTINS PENA



HÁ 150 ANOS, NASCIA NO RIO MARTINS PENA

Transcorreu ontem o 150.^o aniversário do nascimento de Luís Carlos Martins Pena, considerado o criador do teatro brasileiro de costumes. Nascido no Rio a 5 de novembro de 1815, viveu apenas 33 anos, deixando obras memoráveis, como "Juiz de Paz da Roça", "Família e a Festa da Roça", "O Judas em Sábado de Aleluia", "Os Dois Irmãos ou o Inglês Maquinista", "O Diligente", "Os Namorados ou A Noite de São João", "Os Três Médicos", "O Caixeiro da Taverna", e o romance histórico "Douguay-Trouin". No dizer de Sílvio Romero, foi um dos expoentes intelectuais de sua época, cujo poder de observação levou para o palco os costumes do Brasil de seu tempo. Martins Pena falava e escrevia fluentemente em inglês, francês e italiano e sua íntima convivência com a obra de autores dramáticos europeus possibilitou-lhe vasta cultura teatral, mas suas peças não estão impregnadas de nenhum esnobismo cosmopolita, tendo dado preferência aos temas nacionais, que tratou com sutileza incomum e aguçado senso crítico.

Do Comércio à Arte

Perdendo o pai quando tinha um ano e a mãe aos dez, Martins Pena ficou sob a tutela primeiro do avô e depois de um tio, ambos do lado materno. Por vontade de seus tutores, seguiu a profissão do comércio, mas logo depois sentiu a sua verdadeira tendência, ingressando na Academia de Belas-Artes, onde se especiali-

zou em arquitetura, escultura e desenho. Era cultor da música e estudou canto, pois possuía bela voz de tenor. Em 1838, pouco depois da estréia de "Antônio José", tragédia de Gonçalves de Magalhães, primeira peça com assunto brasileiro e escrita por autor nacional, Martins Pena levava à cena sua comédia "Juiz de Paz da Roça", que obteve êxito retumbante. Nesse mesmo ano, ingressou na carreira pública, ocupando o cargo de amanuense da Mesa do Consulado da Corte. Em 1847, já na Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, ainda com a saúde abalada, foi nomeado adido de primeira classe na Legação Brasileira em Londres, onde ficou até o final de 1848. Nesta ocasião, agravando-se a tuberculose, de que já padecia, resolveu voltar ao Brasil, mas morreu durante a viagem, em Lisboa, a 7 de dezembro de 1848. Seus restos foram exumados em 1850 e transportados para o Rio, onde estão depositados no cemitério de São João Batista.

Na caracterização dos costumes e tipos brasileiros do começo do Império, que retrata com ingenuidade mas sempre com um toque de sátira a sociedade de seu tempo, Martins Pena foi inexcelável, sendo merecidamente considerado o criador da farsa brasileira, numa época em que o teatro nacional copiava grotescamente o teatro português. Ainda hoje, muitas de suas peças são representadas, num atestado eloqüente de que, resistindo ao tempo, incorporaram-se ao gosto popular.

(Do jornal "O Globo", do Rio de Janeiro, do dia
06-novembro-1965)



**LUIS CARLOS
MARTINS PENA**

Luis Carlos Martins Pena, o criador da comédia nacional, faleceu em Lisboa aos 7 de dezembro de 1848. De 1838 a 1846 foram representadas 20 composições suas: 18 comédias e 2 dramas. "Ainda criança criança, orphão de paes, sendo destinado por seus tutores, que eram negociantes, à vida commercial, fez o curso da aula do commercio; mas, sentindo vocação diversa, deu-se aos estudos da academia de bellas-artes com applicação á architectura, á estatuaria, ao desenho, à muzica, que cultivou com a bella voz de tenor que possuia, ao mesmo tempo que particularmente se dedicava ao estudo de algumas linguas, da geographia, da historia e da litteratura, principalmente dramatica. De 1838 a 1843 exerceu o logar de amanuense da meza do consulado da corte; dahi passou a amanuense da secretaria dos negocios estrangeiros, de onde foi nomeado para a mencionada legação (Legação de Londres). Neste emprego accumulando as funções de secretario, não só por excessiva applicação do espirito, como pelo frio humido de Londres, sentiu que se exacerbavam antigos sofrimentos pulmonares, e foi obrigado a deixar o cargo; mas já em estado tal, que veio a fallecer poucos dias depois de sua chegada a Lisboa. Foi o creador da comedia verdadeiramente nacional" (Sacramento-Blake). Algumas obras suas: "O Juiz de paz da roça" (comédia), "O Judas em sábado da aleuia" (comédia), "Duguay-Trouin" (romance historico), etc.



Martins Pena

A 7 de dezembro de 1848 faleceu em Lisboa o escritor e teatrologo Carlos Martins Pena, nascido no Rio de Janeiro no dia 5 de novembro de 1815. Orfão de pai, com apenas um ano, e de mãe aos dez, foi destinado à vida comercial pelos tutores. Aos dezesseis anos, matriculou-se numa escola de comercio, terminando o curso em 1835. Passou depois a frequentar as aulas da Academia de Belas-Artes, onde chegou a adquirir conhecimentos basicos da arquitetura, pintura e escultura. Ao mesmo tempo, estudou musica, arte da qual se ocupou durante muito tempo. Abandonou mais tarde o comercio e as aulas da Academia de Belas-Artes, para dedicar-se aos estudos de diversas linguas, com o objetivo de conhecer profundamente a literatura. Em 1838, foi nomeado amanuense da Mesa do Consulado no Rio de Janeiro, cargo que exerceu durante cinco anos. Depois foi removido para o Ministerio do Exterior, servindo ai até 1847, quando seguiu para a Europa, como adido da Embaixada brasileira em Londres. Um ano depois, gravemente doente, embarcou de volta, para falecer em meio da viagem. Deixou vasta bagagem literaria: "Juiz de Paz da Roça", "O Judas em Sabado de Aleluia", "O Inglês Maquinista" e "Noite de São José".